

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE A DISTÂNCIA**

MARIA DA SALETE VILAR MARTINS

**FATORES QUE RESULTAM NA NECESSIDADE DE
ACOMPANHAMENTO EXTRA-ESCOLAR PARA CRIANÇAS NOS
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL - UM ESTUDO DE
CASO**

**JOÃO PESSOA-PB
2017**

MARIA DA SALETE VILAR MARTINS

**FATORES QUE RESULTAM NA NECESSIDADE DE ACOMPANHAMENTO
EXTRA-ESCOLAR PARA CRIANÇAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL – UM ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena
em Pedagogia na Modalidade a Distância, do
Centro de Educação da Universidade Federal
da Paraíba, como requisito institucional para
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.

Orientador (a): Profa. Elzanir dos Santos

**JOÃO PESSOA-PB
2017**

M386f Martins, Maria da Salete Vilar.

Fatores que resultam na necessidade de acompanhamento extra-escolar para crianças nos anos iniciais do ensino fundamental - um estudo de caso / Maria da Salete Vilar Martins. – João Pessoa: UFPB, 2017.

37f. : il.

Orientadora: Elzanir dos Santos

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia - modalidade a distância) – Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Dificuldades de aprendizagem. 2. Aprendizagem - acompanhamento. 3. Leitura e escrita. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37.015.3(043.2)

MARIA DA SALETE VILAR MARTINS

**FATORES QUE RESULTAM NA NECESSIDADE DE ACOMPANHAMENTO
EXTRA-ESCOLAR PARA CRIANÇAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL – UM ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de
Educação da Universidade Federal da Paraíba, como
requisito institucional para obtenção do título de
Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: 12/12 /2017

BANCA EXAMINADORA

Profa. Elzanir dos Santos
Elzanir dos Santos
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Profa. Alba Cleide Calado Wanderley
Alba Cleide Calado Wanderley
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Profa. Nathália Fernandes Egito Rocha
Nathália Fernandes Egito Rocha
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Dedico este trabalho a todas as pessoas que estiveram ao meu lado me apoiando e me incentivando nessa caminhada, tornando o meu sonho realidade, em especial ao meu pai Severino Alves da Silva, a minha mãe Teresinha Vilar de Araújo e a toda a minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me guiado até aqui, me dando forças, não me deixando desistir e me dando a graça de alcançar o meu sonho, a tão sonhada graduação no curso de pedagogia.

Aos meus pais queridos, que mesmo diante de tantas dificuldades sempre incentivaram a mim e aos meus irmãos, mostrando a importância da educação, nos orientando e mostrando o melhor caminho a seguir.

Ao meu esposo e aos meus filhos, que me apoiaram desde o primeiro momento e não me deixaram desistir.

Aos meus professores, especialmente a minha orientadora, professora Elzanir dos Santos, que com muita paciência e profissionalismo me orientou da melhor maneira possível para que eu conseguisse concluir o trabalho no tempo certo e a minha tutora presencial, Cristiane Cavalcante, que sempre me incentivou desde o início do curso.

As minhas colegas de curso, que me ajudaram a chegar até aqui, me incentivando e me dando forças para superar as dificuldades.

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (Paulo Freire).

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar, partindo de um estudo de caso de uma criança, fatores que resultam na necessidade de acompanhamento extra-escolar, na leitura e escrita, para crianças nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental; e como objetivos específicos: mapear aspectos da relação que esta criança tem com a sua escola; identificar concepções e práticas de seu professor de Língua Portuguesa acerca de seu processo de ensino e aprendizagem; e caracterizar o papel dos pais no acompanhamento da aprendizagem de seu filho. Os autores que nortearam este trabalho foram: Bulgraen (2010), Sousa (2012), Lukesi (2011), Brasil (1997), Leite e Colello (2010), Moreira e Rocha (2013), Gerhardt e Silveira (2009), PNAIC (2016), Freire (1981), Morais e Brito (2009), Soares (2016), Souto *at all* (215), Dias *at all* (2015), Souza (2009), Moraes e Varela (2007). Trata-se de um trabalho de abordagem qualitativa, com base em um estudo de caso, que se fundamentou em entrevista estruturada realizadas junto à criança e sua mãe, e um questionário realizado com a professora de Língua Portuguesa da criança. As análises demonstraram que a professora não desenvolve ações efetivas para amenizar as dificuldades do aluno e nem demonstra preocupação com as dificuldades da criança. Também foi constatado que os pais do aluno ajudam como podem, seja cobrando que ele faça as tarefas, seja contratando aulas de reforço, seja preocupando-se com as notas para que seu filho tenha um bom desempenho. Quanto à criança, ela demonstra gostar muito da escola, dos professores e dos colegas, apesar de achar a escola pequena e com pouco espaço para brincar. Este trabalho foi desenvolvido com o intuito de buscar entender as necessidades de aulas de reforço de crianças com dificuldades de aprendizagem, especialmente no que diz respeito ao letramento, e analisar o que os pais e a escola tem feito para ajudar essas crianças a superarem as suas dificuldades. Vale destacar que o papel do professor, com a ajuda da família é, mediar situações que favoreçam o desenvolvimento das crianças. O que não está ocorrendo de forma a atender as necessidades da criança, sujeito deste estudo.

Palavras-chave: Dificuldades da aprendizagem. Acompanhamento da aprendizagem. Leitura e escrita.

ABSTRACT

The present study aims to analyze, from a case study of a child, factors that result from the necessity of follow up extra-school to children in the early years of Elementary School. With a specific goal to map the relationship between child and school; identify the conceptions of the Teacher of Portuguese Language about his process of teaching and learning; and characterize the paper of parents on follow what their children in learning. The authors guiding this work are: Bulgraen (2010), Sousa (2012), Lukesi (2011), Brasil (1997), Leite e Colello (2010), Moreira e Rocha (2013), Gerhardt e Silveira (2009), Pnaic (2016), Freire (1981),Morais e Brito (2009), Soares (2016), Souto *at all* (215), Dias *at all* (2015), Souza (2009), Moraes e Varela (2007). It is a work of qualitative approach based in a case. Analyze was made from structured interviews with children and their mothers, and a structured questionnaire to the teachers of Portuguese language to children. The analyses found out that teachers do not develop effective approaches to soften the difficulties of students and not demonstrate worry with the child's difficulty; Also can be noticed parents of students help as they can, as directing them to do the school work, contracting review lessons, or worrying about the grades and the good of performance of their children. As a child, she seems to like the school, the teachers and their classmates very much, although to think school is small and with not many places to play. This work developed with the intent of try to understand the necessities of children with learning difficulties, especially to literacy and analyze what parents and school has done to help these children to overcome their difficulties. It is important to highlight the rule of the teacher, with the family's help, of mediate situations that favors the development of children, what is not occurring in the investigated situation.

Keywords: Learning Difficulties. Learning follow up. Syllabus and Literacy.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. POR QUE REFORÇO ESCOLAR NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL?	13
2.1. Capítulo I- O ensino nos anos iniciais do Ensino Fundamental	13
2.2. Capítulo II- O papel do professor nesse nível de ensino	15
2.3. Capítulo III- O papel da família no acompanhamento da aprendizagem dos filhos	19
2.4. Capítulo IV- O acompanhamento da aprendizagem e o papel da avaliação da Aprendizagem.....	20
3. ANÁLISE DOS RESULTADOS	23
3.1. João: seus interesses e dificuldades	23
3.2. Mãe de João: poucos saberes de escrita e leitura	26
3.3. Professora: demonstra pouco interesse por João	28
CONSIDERAÇÕES	30
REFERÊNCIAS	32
APÊNDICES	

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho versa sobre o tema “Fatores que resultam na necessidade de acompanhamento extra-escolar para crianças nos anos iniciais do ensino fundamental” e foi desenvolvido com o intuito de buscar entender as necessidades de crianças com dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita, e analisar o que os pais e a escola tem feito para ajudar essas crianças a superarem as suas dificuldades.

O interesse pelo tema se deu a partir de situações vivenciadas no meu ofício profissional como professora de reforço escolar com alguns alunos dos Anos Iniciais do Ensino fundamental, especialmente com um deles, o qual é sujeito deste estudo de caso. Tendo em vista preservar-lhe o anonimato atribuí a ele o nome fictício de “João”. João tem 11 anos, é filho de um policial militar e mãe dona de casa. O pai de João diz que não tem paciência e nem sabe ensinar as tarefas escolares do filho. Já a mãe tem poucos saberes de leitura e escrita e por isso, também não consegue ajudá-lo nas tarefas escolares, então o colocaram no reforço escolar.

Quando conheci João, o mesmo estava no 2º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e apresentava defasagens em relação ao que a escola espera do desempenho das crianças neste ano escolar. Hoje ele encontra-se matriculado no 5º ano, já ler e escreve, mesmo cometendo erros de ortografia na escrita, estando ainda na fase de escrita alfabética.

Eu acompanho João nas suas tarefas escolares e trabalho as suas dificuldades desde fevereiro de 2014 e, desde então tenho me empenhado em ajudá-lo. Mas, alfabetizá-lo não está sendo uma tarefa fácil, pois o que ele aprende logo esquece, é como se passasse uma borracha na sua memória, mesmo estando matriculado no quinto ano, ele ainda apresenta problemas de erro ortográfico com a escrita alfabética. Todos os dias eu tenho que revisar conteúdos com João estudados no dia anterior, e diariamente eu corrijo a sua escrita, porque ele simplesmente esquece tudo que aprendeu anteriormente. Isso me preocupa muito, por isso, sugeri aos pais que procurasse a ajuda de um especialista para juntos podermos ajudá-lo, pois acredito que com a ajuda de um especialista, com o apoio dos pais e da escola, com certeza conseguiremos ajudá-lo nas suas dificuldades com relação a sua aprendizagem. Eu acompanho João desde o 2º ano, como professora de reforço, sendo que ele chegou ao reforço atrasado em relação ao que se espera da criança neste ano de ensino, ainda não sabia ler nem escrever, apesar de que a criança pode se alfabetizar até o 3º ano.

Eu comecei a trabalhar escrita e leitura com ele utilizando o método tradicional, mas eu não percebia avanços na aprendizagem dele. Então, em agosto de 2017 comecei a trabalhar

com textos e isso vem melhorando a sua escrita. Estou fazendo um trabalho diferenciado com ele, sendo que a cada dia peço-lhe que escreva um texto pequeno sobre coisas vivenciadas por ele e que gostaria de contar escrevendo, depois, faço as correções dos erros junto com ele. Antes ele não conseguia ler direito, sua leitura era atrapalhada, não respeitava ponto e vírgula, portanto, não conseguia interpretar. Agora ele já consegue ler, mesmo que devagar, mas ainda precisa melhorar na escrita. Está sendo um processo lento, mas sinto que ele está melhorando a cada dia.

A aprendizagem das crianças consiste em um processo contínuo que começa antes mesmo delas irem à escola. Já é comprovado através de pesquisas que, crianças cujas famílias participam de atos de leitura e escrita desde muito cedo, essas crianças chegam à escola conhecendo muito do uso e das funções sociais da língua escrita. Diferente de crianças oriundas de famílias pouco alfabetizadas, que só entendem que texto escrito é aquele que lhes apresentam na escola, pois não tem o convívio com a escrita e leitura no seu seio familiar. Mesmo essas crianças que não tiveram muito contato com escrita e leitura, elas também tem conhecimentos de vivências que o professor deve respeitar e levar em consideração, pois toda criança tem potencial, o qual deve ser estimulado e desenvolvido com a ajuda do professor.

No processo de aprendizagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental a alfabetização é uma das etapas que se caracteriza por ser uma fase muito importante no desenvolvimento do aluno, sendo a base para conhecimentos futuros, que ocorre de forma gradativa. É, portanto, um processo decisivo na vida escolar do indivíduo. É através da alfabetização que o aluno inicia o seu processo de construção de saberes formais, lhe possibilitando produzir, ler e interpretar textos de forma crítica. Alfabetizar é uma tarefa muito complexa que exige muito empenho, tanto por parte do professor, quanto do aluno. Diante disso, o educador precisa criar condições propícias para uma aprendizagem significativa e para o desenvolvimento de habilidades. O professor deve orientar as atividades aos alunos com clareza, ciente dos benefícios que ela trará para o desenvolvimento dos mesmos, pois não adianta o professor saber teoricamente, ele tem que estar capacitado para ensinar determinados assuntos (METZ, 2010).

Vale destacar que, nesse processo é necessário que o professor perceba que cada aluno desenvolve-se diferentemente um do outro na construção do conhecimento, e não se pode exigir que todos os educandos se desenvolvam igualmente em todos os conteúdos. É importante que se respeite o tempo e a realidade de cada aluno, percebendo as suas dificuldades e valorizando o seu potencial, pois todo aluno tem potencial, mas precisa ser percebido e estimulado para que o mesmo possa desenvolver as suas habilidades.

Diante disto, definimos como objetivo geral: analisar, partindo de um estudo de caso, fatores que resultam na necessidade de acompanhamento extra-escolar para crianças nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a partir de um estudo de caso. Como objetivos específicos: mapear a relação que a criança tem com a sua escola; identificar as concepções de seus professores acerca de seu processo de ensino e aprendizagem; e caracterizar o papel dos seus pais no acompanhamento da sua aprendizagem.

A partir de tais objetivos, para chegar aos resultados a abordagem qualitativa de pesquisa se mostrou mais adequada. De acordo com Goldenberg (1997, p. 34 Apud GERHARDT e SILVEIRA, 2009, P. 31/32).

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa.

O presente estudo fundamenta-se em um estudo de caso, com um aluno do 5º ano do ensino fundamental, o qual é acompanhado em aula de reforço. Fonseca (2002, p.33 apud GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 37) caracteriza um estudo de caso como:

Um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe. O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador.

Os sujeitos desta pesquisa são: 1 aluno do 5º ano do ensino fundamental de uma escola da rede privada, sua mãe e a sua professora de Língua Portuguesa. A escolha da mãe, como representante da família, se deu em virtude do pouco tempo que o pai dispõe para acompanhar a aprendizagem do filho. Quanto à escolha da professora, resultou das dificuldades do aluno se concentrarem na escrita e leitura, área de conhecimento que tem sua responsabilidade, convencionalmente, atribuída ao docente de Língua Portuguesa.

Para este estudo foi utilizado como instrumentos e coletas de dados, uma entrevista estruturada com o aluno e com sua mãe, seguindo um roteiro previamente elaborado contendo cinco perguntas para a mãe e cinco perguntas para a criança. As entrevistas foram gravadas, em seguida transcritas e depois analisadas. Com a professora de Português do aluno, foi aplicado um questionário contendo cinco questões abertas devido a sua indisponibilidade de tempo. O questionário respondido pela professora foi transcrito e depois analisado.

A entrevista com o aluno e com a mãe foi realizada no ambiente do reforço escolar em horários diferentes para que pudessem ficar à vontade para responderem as perguntas, com a menor interferência possível. O tempo de cada entrevista durou em média 15 minutos. O questionário foi aplicado à professora na escola onde ela leciona. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009, p. 69), o questionário,

É um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante, sem a presença do pesquisador. Objetiva levantar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas. A linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta, para que quem vá responder compreenda com clareza o que está sendo perguntado.

A entrevista “é uma técnica de interação social, uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca obter dados, e a outra se apresenta como fonte de informação” Gerhardt e Silveira (2009, p.72). Ainda de acordo com essas autoras, na entrevista estruturada, o entrevistador deve seguir um roteiro previamente estabelecido.

A seguir estão algumas das perguntas formuladas a cada um dos sujeitos da pesquisa:
 Professora: Como é o comportamento do aluno em sala de aula? O aluno presta atenção nas suas explicações? O aluno participa das atividades propostas em sala de aula? - Aluno: Você pede explicação ao professor quando tem dúvida? Qual o lugar que você mais gosta na sua escola? Por quê? O que mais você gosta na sua escola? - Mãe: Você tem um contato direto com os professores do seu filho? Como é feito esse contato? Por que você colocou o seu filho no reforço extraescolar? Como você acompanha a vida escolar do seu filho?

Este trabalho justifica-se por ser um tema de extrema relevância tendo em vista que ele enfoca o processo ensino e aprendizagem nos Anos Iniciais do ensino Fundamental, a qual constitui a base da formação escolar, abordando mais especificamente os fatores que resultam na necessidade de acompanhamento extra escolar para crianças desta fase. Além disso, tenho interesse em aprofundar-me mais e refletir sobre este tema, pelo fato de ser professora de reforço escolar.

Podemos perceber que, apesar dos avanços na educação brasileira, ainda existem muitas crianças dos anos iniciais do ensino fundamental com dificuldades na aprendizagem e que precisam ser vista pelos pais e pela escola com um olhar mais cuidadoso, acompanhando as suas dificuldades, pois quando as dificuldades na aprendizagem das crianças são percebidas e trabalhadas ainda nos anos iniciais, isso ajuda muito no desenvolvimento das crianças nos anos de escolarização seguintes.

2. POR QUE REFORÇO ESCOLAR NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL?

2.1. Capítulo I- O ensino nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Nos primeiros anos do Ensino Fundamental, os objetivos educacionais estão pautados nos processos de alfabetização e letramento, no desenvolvimento das diversas formas de expressão e nos conhecimentos que constituem os componentes curriculares obrigatórios.

Desde o início dos anos 80, intensificaram-se o debate enfocando a responsabilidade do ensino da Língua Portuguesa para melhorar a educação do nosso país. Entre os muitos desafios enfrentados nesse nível de ensino, está o desafio das escolas em ensinar seus alunos a ler e a escrever na “idade certa”. Percebe-se que algumas crianças apresentam mais dificuldades nas primeiras séries dos anos iniciais (as duas primeiras) e na quinta série (último ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental). Essas dificuldades, geralmente são atribuídas à escola, devido a mesma não conseguir, de fato, alfabetizar a criança e por não conseguir desenvolver o uso eficaz da linguagem nessa fase da aprendizagem, a qual se faz necessária e importante para que o aluno consiga acompanhar os anos seguintes sem maiores dificuldades. Nesta ótica, os objetivos gerais dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL,1997, p. 70) é:

Estabelecer as capacidades relativas aos aspectos cognitivo, afetivo, físico, ético, estético, de atuação e de inserção social, de forma a expressar a formação básica necessária para o exercício da cidadania. Essas capacidades, que os alunos devem ter adquirido ao término da escolaridade obrigatória, devem receber uma abordagem integrada em todas as áreas constituintes do ensino fundamental. A seleção adequada dos elementos da cultura — conteúdos — é que contribuirá para o desenvolvimento de tais capacidades arroladas como Objetivos Gerais do Ensino Fundamental.

São muitos os caminhos a serem percorridos em termos da educação para o Ensino Fundamental no Brasil, mas não há como pensar em melhorar a educação nesse nível de ensino sem antes pensar na formação dos docentes, pois quando o aluno não consegue aprender começa a ficar desmotivado, perde o interesse pela escola, muitas vezes apresentam problemas comportamentais e também transtornos emocionais. Por isso, os docentes devem ser capacitados para trabalhar as dificuldades dessas crianças, de forma que elas se sintam motivadas e capazes de desenvolver a sua aprendizagem, pois um bom alicerce é fundamental para o desenvolvimento da leitura, da escrita e da oralidade dos alunos. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 25) descrevem que:

Além de uma formação inicial consistente, é preciso considerar um investimento educativo contínuo e sistemático para que o professor se desenvolva como profissional de educação. O conteúdo e a metodologia para essa formação precisam ser revistos para que haja possibilidade de melhoria do ensino.

Nesta ótica a educação básica, tem a função de garantir condições para que o aluno construa instrumentos que o capacitem para um processo de educação permanente. Porém, é preciso considerar que a aprendizagem se dá ao longo de um processo em que cada aluno tem seu ritmo próprio, e que se forem dadas as condições adequadas de ensino, é provável que este processo aconteça de uma forma bem mais agradável.

Nesse processo de aprendizagem, sabe-se que o domínio da língua oral e escrita é fundamental para socialização do indivíduo dentro de uma sociedade, pois é através da mesma que ele se comunica, defende seus ideais, obtém informações, partilha e constrói conhecimento. Portanto, a escola tem o dever e a responsabilidade de garantir a todos os educandos o acesso aos saberes linguísticos, pois os mesmos são extremamente necessários para o indivíduo exercer a sua cidadania com dignidade.

O domínio da escrita é uma condição necessária para a participação efetiva nas práticas de leitura e escrita. Albuquerque e Santos (2005, p. 97 apud MOREIRA e ROCHA, 2013, p. 9) afirmam que:

Propiciar aos aprendizes a vivência de práticas reais de leitura e produção de textos não é meramente trazer para a sala de aula exemplares de textos que circulam na sociedade. Ao se ler ou escrever um texto, tem-se a intenção de atender a determinada finalidade. É isso que faz com que a situação de leitura e escrita seja real e significativa.

Vale destacar que embora ainda predominem práticas de alfabetização marcadamente tradicionais, Morais e Brito (2009) argumentam que é necessário superá-las adotando-se a perspectiva sociointeracionista, segundo a qual, a aprendizagem é resultante das interações sociais e, a leitura e a escrita são concebidas por meio de objetos culturais, os quais estabelecem diferentes usos de funções com base no contexto social em que a criança encontra-se inserida. Neste sentido, o entendimento acerca do conceito de letramento é essencial. Letramento designa o processo de apropriação de práticas sociais da língua escrita que ultrapassam as situações específicas de sala de aula.

Nesse sentido, podemos dizer que, a aprendizagem adquirida fora da escola também gera conhecimentos, como afirmam Leite e Colello (2010, p.37)

[...] as crianças que vivem em um ambiente que propicia um contínuo e rico contato com a escrita certamente encontrarão as condições favoráveis para complementar o processo de alfabetização, às vezes mais rico que o vivenciado na escola.

As mesmas autoras concluem que as crianças menos favorecidas podem ser as mais prejudicadas, devido não encontrarem condições adequadas de ensino fora da escola, ficando dependentes apenas da mediação que a instituição oferece. As crianças que convivem com pessoas que tem um contato frequente com leitura e escrita, provavelmente despertarão o seu interesse pela escrita e leitura, como também terão mais chances de aprender em menos tempo, pois o incentivo e o acompanhamento da família fazem muita diferença e é muito importante para a criança se sentir mais segura e capaz. Mesmo assim, não se deve generalizar até mesmo porque, crianças que não presenciam nenhuma prática de escrita e leitura dentro do seio familiar podem desenvolver a escrita e a leitura precocemente sem nenhuma dificuldade, mas isso não acontece com muita frequência.

Ler, escrever, compreender, interpretar e produzir conhecimento são formas do indivíduo desenvolver capacidades e de se inserir dentro de uma sociedade. Nesse sentido Paulo Freire (1981) enfatiza a importância do ato de ler, interpretar e dar sentido às palavras. Para esse autor “A alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita e da expressão oral” (FREIRE, 1981, p.11). Isso significa ler e encontrar sentido nas palavras escritas e nas palavras faladas. Paulo Freire afirma que, a leitura do mundo é anterior a leitura da palavra e que todos trazem consigo sua experiência de vida para compor esta leitura, mesmo a criança tem suas imaginações e suas afeições que também ajudam na composição dessa leitura, ou seja, mesmo a criança não sendo alfabetizada ela já traz para a sala de aula a leitura de mundo, de tudo que ela vive no seio familiar e com outras pessoas. Como explicam Morais e Brito (2009, p. 1) “[...] o ato de ler e escrever não se constituem como naturais, mas revelam-se como processos que ocorrem a partir das interações sociais estabelecidas [...]”.

2.2. Capítulo II- O papel do professor nos Anos Iniciais do Ensino fundamental

O papel do professor nesse nível de ensino não se resume apenas ao ato de ensinar, o seu papel como educador vai muito mais além, pois também é função do professor estimular

os alunos a praticarem atitudes respeitadas para com os seus colegas de sala, com todas as pessoas que trabalham na escola, entre outras atitudes que conseqüentemente serão levadas para fora do ambiente escolar. O professor também é responsável por proporcionar experiências que levem o aluno a desenvolver as suas habilidades cognitivas, promovendo atividades que favoreçam a sua aprendizagem e o seu desenvolvimento integral. Dessa maneira, “Ensinar é provocar o desequilíbrio da mente do estudante para que ele busque o reequilíbrio, numa reconstrução de novos esquemas, ou seja, que ele aprenda” (PILLETI; ROSSATO, 2011, p. 80, apud CAMARGO, 2012, p. 16).

Entre muitos papéis que o professor desempenha em sala de aula, um deles é inserir o aluno no mundo do conhecimento instigando-o a criar e recriar, procurando aprimorar as suas habilidades, valorizar os seus conhecimentos prévios e tentar integrar esses conhecimentos aos conteúdos propostos em sala de aula, visto que o aprendizado também ocorre fora do ambiente escolar. Em qualquer nível de ensino, se faz necessário que o professor esteja sempre buscando novas práticas pedagógicas, tornando-se um eterno aprendiz. O professor deve ler e pesquisar bastante para saber o que realmente está funcionando de fato na sua metodologia de ensino. O papel docente de desafiar deve ser insistentemente aperfeiçoado para que esse profissional seja capaz de despertar o interesse dos alunos para que os mesmos sintam-se estimulados a aprenderem os conteúdos, desenvolver habilidades e atitudes, assim como refletirem com criticidade e autonomia, e dessa forma, tomar decisões e lutar por sociedade mais justa. Conforme Bulgraen (2010, p. 31),

[...] ensinar é uma responsabilidade que precisa ser trabalhada e desenvolvida. Um educador precisa sempre, a cada dia, renovar sua forma pedagógica para, da melhor maneira, atender a seus alunos, pois é por meio do comprometimento e da “paixão” pela profissão e pela educação que o educador pode, verdadeiramente, assumir o seu papel e se interessar em realmente aprender a ensinar.

Ensinar é reforçar a decisão de aprender, é também estimular o desejo de saber (PERRENOUD, 2000). Portanto, o professor deve estimular os seus alunos a buscarem o saber, desenvolvendo métodos de ensino que os levem a refletir e pensar criticamente para tomadas de decisões, as quais irão influenciar na maneira viver dos mesmos, como também refletir na sociedade em que vivem. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 39) descrevem que,

O professor deve ter propostas claras sobre o que, quando e como ensinar e avaliar, a fim de possibilitar o planejamento de atividades de ensino para a aprendizagem de maneira adequada e coerente com seus objetivos. É a partir dessas determinações que o professor elabora a programação diária de sala de aula e organiza sua intervenção de maneira a propor situações de aprendizagem ajustadas às capacidades cognitivas dos alunos.

Sabemos que todos os níveis de ensino exigem muito conhecimento, dedicação e planejamento por parte do docente, mas também sabemos que o professor alfabetizador precisa ter, além dos conhecimentos básicos, muitas outras habilidades e competências para se sair bem na sua tarefa como professor alfabetizador. O documento Orientador – PNAIC em Ação (BRASIL, 2016, p.11) orienta que:

O Professor Alfabetizador deverá planejar e executar ações pedagógicas visando ao acompanhamento do progresso da aprendizagem de cada aluno em sua turma. Precisar ainda, compreender a importância de sua intervenção e da organização do tempo pedagógico para criar atitudes e rotinas de valorização da Leitura, da Escrita e da Matemática, em todos os componentes do currículo.

O papel do professor nesse nível de ensino não se resume apenas ao ato de ensinar, o seu papel como educador vai muito mais além, pois também é função do professor estimular os alunos a praticarem atitudes respeitadas para com os seus colegas de sala, com todas as pessoas que trabalham na escola, entre outras atitudes que conseqüentemente serão levadas para fora do ambiente escolar. O professor também é responsável por proporcionar experiências que levem o aluno a desenvolver as suas habilidades cognitivas, promovendo atividades que favoreçam a sua aprendizagem e o seu desenvolvimento integral. Dessa maneira, “Ensinar é provocar o desequilíbrio da mente do estudante para que ele busque o reequilíbrio, numa reconstrução de novos esquemas, ou seja, que ele aprenda” (PILLETI; ROSSATO, 2011, p. 80, apud CAMARGO, 2012, p. 16).

Entre muitos papéis que o professor desempenha em sala de aula, um deles é inserir o aluno no mundo do conhecimento instigando-o a criar e recriar, procurando aprimorar as suas habilidades, valorizar os seus conhecimentos prévios e tentar integrar esses conhecimentos aos conteúdos propostos em sala de aula, visto que o aprendizado também ocorre fora do ambiente escolar. Em qualquer nível de ensino, se faz necessário que o professor esteja sempre buscando novas práticas pedagógicas, tornando-se um eterno aprendiz. O professor deve ler e pesquisar bastante para saber o que realmente está funcionando de fato na sua metodologia de ensino. O papel docente de desafiar deve ser insistentemente aperfeiçoado

para que esse profissional seja capaz de despertar o interesse dos alunos para que os mesmos sintam-se estimulados a prenderem os conteúdos, desenvolver habilidades e atitudes, assim como refletirem com criticidade e autonomia, e dessa forma, tomar decisões e lutar por sociedade mais justa. Conforme afirma Bulgraen (BULGRAEN, 2010, p. 31),

[...] ensinar é uma responsabilidade que precisa ser trabalhada e desenvolvida. Um educador precisa sempre, a cada dia, renovar sua forma pedagógica para, da melhor maneira, atender a seus alunos, pois é por meio do comprometimento e da “paixão” pela profissão e pela educação que o educador pode, verdadeiramente, assumir o seu papel e se interessar em realmente aprender a ensinar.

Ensinar é reforçar a decisão de aprender, é também estimular o desejo de saber (PERRENOUD, 2000). Portanto, o professor deve estimular os seus alunos a buscarem o saber, desenvolvendo métodos de ensino que os levem a refletir e pensar criticamente para tomadas de decisões, as quais irão influenciar na maneira viver dos mesmos, como também refletir na sociedade em que vivem. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 39) descrevem que,

O professor deve ter propostas claras sobre o que, quando e como ensinar e avaliar, a fim de possibilitar o planejamento de atividades de ensino para a aprendizagem de maneira adequada e coerente com seus objetivos. É a partir dessas determinações que o professor elabora a programação diária de sala de aula e organiza sua intervenção de maneira a propor situações de aprendizagem ajustadas às capacidades cognitivas dos alunos.

Sabemos que todos os níveis de ensino exigem muito conhecimento, dedicação e planejamento por parte do docente, mas também sabemos que o professor alfabetizador precisa ter, além dos conhecimentos básicos, muitas outras habilidades e competências para se sair bem na sua tarefa como professor alfabetizador. O documento Orientador – PNAIC em Ação (2016, p.11) orienta que:

O Professor Alfabetizador deverá planejar e executar ações pedagógicas visando ao acompanhamento do progresso da aprendizagem de cada aluno em sua turma. Precisar ainda, compreender a importância de sua intervenção e da organização do tempo pedagógico para criar atitudes e rotinas de valorização da Leitura, da Escrita e da Matemática, em todos os componentes do currículo.

De acordo com FERREIRO & TEBEROSKY (1999 apud MORAIS & BRITO, 2009, p. 4) no processo de aquisição da língua escrita, o papel do professor deve ser:

[...] de mediador entre o sujeito cognoscente (aluno) e o sujeito cognoscível (código escrito), considerando a construção do conhecimento realizada nesse processo, onde o aluno é um sujeito ativo, capaz de formular hipóteses, comprovar, categorizar, a partir das experiências que vai realizando na interação com a língua escrita.

O professor (a) alfabetizador (a) segundo Soares (2016, p. 335) “não propriamente ensina, mas guia a criança em seu desenvolvimento: processos internos que a levam à formulação de hipóteses e à formação de conceitos sobre um objeto de conhecimento com o qual se defronta- a língua escrita”.

2.3. Capítulo III- O acompanhamento da aprendizagem e o papel da avaliação da aprendizagem

Podemos perceber que dentro no processo de aprendizagem as crianças não se desenvolvem igualmente da mesma maneira, e que elas sofrem influências culturais e sociais dentro da sociedade em que estão inseridas.

Avaliar uma criança é um processo que exige muito cuidado e atenção por parte do docente. Sabemos que dependendo da avaliação, o resultado da mesma pode interferir no desenvolvimento da aprendizagem da criança e também no seu desenvolvimento integral, pois a mesma só faz sentido se os resultados obtidos permitirem ao docente uma reflexão sobre os processos pedagógicos desenvolvidos, só assim ele poderá apontar os avanços e dificuldades e assim buscar novas estratégias didáticas, aprimorando ou mudando os métodos já existentes.

Para Lukesi (2011), o ato de avaliar a aprendizagem na escola deve levar em conta a complexidade da realidade das variáveis que intervêm na produção dos resultados intermediários ou finais, que segundo esse autor, essas variáveis devem estar voltadas para a melhoria do desempenho do aluno, para que atuando sobre elas e reduzindo os efeitos negativos, a aprendizagem possa vir a ser satisfatória. Ainda de acordo com Lukesi (2011), o ato de avaliar é construtivo e não se vincula somente ao momento atual, pois segundo ele, no momento da avaliação deve ser levado em consideração as variáveis presentes na situação que está sendo avaliada. Sendo assim, a avaliação deve ser continua buscando-se sempre diagnosticar os elementos que intervêm dentro do processo da aprendizagem, identificando os pontos positivos e os pontos negativos, para só depois, de posse desses resultados, tomar decisões que sirva de melhoria para a aprendizagem. Portanto pode-se concluir que o ato de

avaliar não é um ato estático, e sim algo que está sempre se modificando, portanto o professor deve modificar suas práticas a cada avaliação já que ela não se aplica em um único momento.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 55), documento que orienta e normatizam os processos de ensino e aprendizagem na Educação Básica, a avaliação,

Acontece contínua e sistematicamente por meio da interpretação qualitativa do conhecimento construído pelo aluno. Possibilita conhecer o quanto ele se aproxima ou não da expectativa de aprendizagem que o professor tem em determinados momentos da escolaridade, em função da intervenção pedagógica realizada.

No processo de avaliação é fundamental perceber que a mesma ocorre no decorrer de todo processo de ensino aprendizagem, levar em consideração cada progresso que o aluno apresenta e buscar entender as suas dificuldades é extremamente importante para ajudar no desenvolvimento do mesmo. Nesta ótica, Leite e Colello (2010, P. 66) afirmam que:

Sem um sistema de avaliação que produza dados de maneira contínua sobre o desempenho dos alunos, dificilmente o docente terá condições de assumir medidas que garantam o sucesso esperado no processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Nesta perspectiva, é necessário que as crianças sejam avaliadas pelos professores de forma contínua, valorizando as suas habilidades e competências para que elas sintam-se capazes e autônomas para se desenvolverem.

2.4. Capítulo IV- O papel da família no acompanhamento da aprendizagem dos filhos

Sabe-se que o papel da escola na formação das crianças e jovens é essencial, mas ela tem um papel complementar nesta educação. A família tem sua parcela de responsabilidade neste processo.

Percebe-se que as famílias na contemporaneidade mudaram bastante o seu modo de ser e de agir, assim como mudou toda a sociedade influenciada pelas mudanças ocorridas no comportamento das pessoas. Os valores seguidos pelas famílias podem ser mudados de acordo com os novos valores que vão se intensificando na sociedade com as constantes mudanças no modo de vida das pessoas, formando assim novos modelos de famílias diferentes das tradicionais e essas famílias têm um importante papel na sociedade, pois as mesmas, juntamente com as escolas são responsáveis pela formação dos cidadãos.

A educação brasileira vem passando por momentos de grandes transformações e a cada dia se faz necessário que os pais se envolvam mais com a educação dos seus filhos. Na sociedade contemporânea parte significativa das famílias não acompanha a aprendizagem dos seus filhos. Isso acontece por vários motivos, algumas alegam que trabalham muito e não lhes resta tempo para acompanhar a vida escolar dos filhos, nem mesmo para ir à escola para saber como anda a aprendizagem e o comportamento dos seus filhos. Parcela considerável, nas classes populares, não acompanha porque tem baixa escolaridade e por isso não sabe ensinar; essas famílias, muitas vezes, têm receio de ir à escola porque não se acham preparados para dialogar com os professores, deixando a educação dos filhos sob a total responsabilidade da escola.

Entretanto, independentemente do grau de escolaridade, essas famílias têm o dever de acompanhar a vida escolar dos seus filhos, mesmo que não saiba ensinar as tarefas, essas famílias devem estar sempre presente, incentivando, dando carinho, elogiando suas conquistas e dando apoiando seu filho para que ele sinta-se seguro no enfrentamento das dificuldades com mais autonomia. A educação familiar é fundamental no processo ensino aprendizagem, podendo interferir de forma direta nas relações das crianças com o ambiente escolar e com o mundo que o cerca. Quanto à participação da família na educação dos filhos, Sousa (2012, p. 5). diz que:

A primeira vivência do ser humano acontece em família, independentemente de sua vontade ou da constituição desta. É a família que lhe dá nome e sobrenome, que determina sua estratificação social, que lhe concede o biótipo específico de sua raça, e que o faz sentir, ou não, membro aceito pela mesma. Portanto, a família é o primeiro espaço para a formação psíquica, moral, social e espiritual da criança. A criança, desde seu nascimento, ocupa um espaço dentro da família. É nela que se encontram os primeiros professores e ensinamentos, os quais refletirão e perdurarão por toda vida adulta, permitindo que seus membros se desenvolvam em todos os aspectos, de forma integral.

Infelizmente, as famílias contemporâneas não têm mais o mesmo tempo de convivência que as famílias tinham antigamente, o que dificulta um pouco a transmissão de valores pelas mesmas, aumentando assim a responsabilidade da escola em cumprir esse papel. Muitas crianças e jovens passam mais tempo na escola do que com as suas famílias e os valores que eles adquirem no ambiente escolar podem ser diferentes daqueles seguidos pelas suas famílias, o que de certa forma faz com que haja, com o passar do tempo, mudanças nos valores e, conseqüentemente, mudanças no comportamento da sociedade.

Percebe-se que, quando a criança inicia a sua vida escolar, o apoio e o carinho de seus familiares são de extrema importância, intervindo de maneira positiva no processo de ensino e/ aprendizagem e no desenvolvimento integral da mesma. Por isso é primordial que haja interação e diálogo entre escola e família, pois além de acompanhar a aprendizagem dos filhos é necessário que os pais também procurem saber como seus filhos se comportam no ambiente escolar, para poder orientá-los, evitando maiores problemas no futuro.

Portanto, é dever dos pais acompanhar o processo de aprendizagem dos seus filhos, dialogar com a escola e assumir a responsabilidade que lhes compete na educação dos seus filhos para juntos perceberem as dificuldades e o progresso da criança.

3. ANÁLISE DOS RESULTADOS

No processo de ensino e aprendizagem a criança deve ser vista na sua totalidade. Portanto, devemos respeitar o ritmo de cada uma delas, bem como a história e cultura em que ela está inserida. Lecionar na primeira fase dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental é uma tarefa muito complexa e desafiadora, visto que cada professor trabalha com diferentes áreas do conhecimento e alguns não são formados para exercer a docência. Nesse sentido, a prática docente deve ser repensada, para que a educação brasileira possa vir a ser de qualidade.

Neste momento, serão apresentadas as análises das respostas obtidas junto aos sujeitos da pesquisa, estudante do 5º ano do Ensino Fundamental (João), a mãe e a sua professora da disciplina Língua Portuguesa, respectivamente.

3.1. João: seus interesses e dificuldades

João é uma das crianças que acompanho em aulas de reforço extra-escolar. O mesmo gosta de ir a escola, mas diz que não gosta de estudar, apesar de ter um bom entendimento com a disciplina de matemática, não demonstra interesse pelos estudos. Os pais relatam que ele é um dos primeiros a chegar na escola, mas não consegue acompanhar as tarefas proposta em sala de aula.

Para compreender melhor as dificuldades de João considerei pertinente indagar sobre aspectos que indicam sua relação com a escola. Inicialmente, foi indagado a João se ele gosta da escola e o que gosta nela. Ele respondeu que gosta da escola, particularmente dos professores e de conversar com os amigos. Apesar de afirmar que gosta da escola, ressalta que ela “é muito pequena e não tem como correr e brincar”. Nesse sentido, o papel socializador da escola está relacionado com a formação intelectual e cultural das novas gerações no sentido de prepará-las para a vida social, pois é na escola que as crianças aprendem a se relacionarem e também é na escola que elas constroem laços de afetividade com os professores, com os colegas e com as demais pessoas com quem elas convivem no ambiente escolar. Neste sentido Vieira (2009, p. 27 apud SOUTO, 2015, p. 25440) descreve que:

O espaço tem que possibilitar emergir todas as dimensões humanas (a lúdica, a fantasia, a artística, a imaginação, etc.), ou seja, propiciar à criança ampliar suas experiências e o mundo de referências afetivas, contribuir para a construção de sua identidade e compreensão do mundo, além de reforçar as habilidades de aprendizagem e comunicação e seu envolvimento em atividades e relações significativas.

Diante disto pode-se perceber que, apesar de João gostar da escola, dos professores e dos amigos, a instituição não oferece uma estrutura adequada para o seu desenvolvimento integral.

Em seguida, foi perguntado a João se ele pede explicação aos professores quando tem dúvida. Ele respondeu que sim, mas ressalta: “eles explicam, mas as vezes eu não entendo”.

Importa destacar que esta criança, conforme mencionado anteriormente, cursa o 5º ano, mas ainda se encontra em processo de alfabetização. É importante que o professor perceba que no processo de ensino e aprendizagem as crianças não se desenvolvem da mesma maneira. Elas podem se diferenciar em termos de expectativa, de valores e crenças, de conhecimentos prévios, de habilidades, de ritmos de aprendizagem. Portanto, se faz necessário que o professor esteja atento ao desenvolvimento de cada um dos seus alunos, percebendo as suas dificuldades e buscando ajudá-los da melhor maneira possível. Nesse sentido o documento do Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa. (PNAIC) em Ação (BRASIL, 2016, p. 11) orienta que: “O Professor Alfabetizador deverá planejar e executar ações pedagógicas visando ao acompanhamento do progresso da aprendizagem de cada aluno em sua turma”.

Para o professor tirar as dúvidas de um aluno não basta responder o que ele pergunta, mas procurar saber se ele realmente entendeu a sua explicação. Em muitos casos, não é suficiente repetir a explicação, uma vez que pode está aí a dificuldade da criança, ou seja, no modo como o conteúdo está sendo ensinado. Portanto, o acompanhamento da aprendizagem do aluno aponta as dificuldades dos alunos em aprender e do professor em ensinar. Quando João disse que os professores explicavam, mas que muitas das vezes ele não entendia, fiquei me perguntando se esses professores percebem as dificuldades dele e se realmente há alguma intervenção para ajudá-lo a superar as suas dificuldades.

Quando perguntei a João qual o lugar que ele mais gosta na sua escola e por que, ele respondeu: “a escada que dá acesso ao primeiro andar porque lá eu fico conversando com os meus amigos”. Analisando a resposta de João podemos perceber que ele interage muito bem com os colegas, mas isso não é o suficiente. Porque ele poderia está com os amigos em momentos de brincadeiras, atividade a qual ele gosta tanto e que poderia ser mais vivenciada na própria escola. Então, evidencia-se que João enfrenta limitações na escola, por ela não se constituir um espaço prazeroso e de vivências diversificadas, restringindo-se a ser um espaço

voltado exclusivamente para aquisição de conhecimento e cumprimento de tarefas. Sendo que para João, estas funções da escola não estão se efetivando.

Muitos pais matriculam seus filhos em escolas privadas, por acharem que todas as escolas da rede privada são melhores que as da rede pública. No entanto, sabemos que muitas das vezes esses pais não conhecem a estrutura e os profissionais da escola pública e acabam generalizando, pois existem muitas escolas públicas grandes e bem estruturadas com profissionais capacitados para ensinar os alunos. Sabemos também, que nem todas as escolas públicas tem uma estrutura física adequada, mas a maioria são padronizadas, grandes e com uma estrutura adequada e confortável para os alunos estudarem e se desenvolverem. É verdade que ainda precisa melhorar muita coisa na educação pública do nosso país, mas isso só se consegue valorizando os profissionais da área e exigindo dos governantes melhorias e mais investimento para área de educação e não discriminando e marginalizando as escolas públicas existentes no nosso país. Nesta ótica, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997, p. 67) enfatizam a importância dos espaços adequados nas escolas para a construção do conhecimento, ressaltando que:

Uma sala de aula com carteiras fixas dificulta o trabalho em grupo, o diálogo e a cooperação; armários trancados não ajudam a desenvolver a autonomia do aluno, como também não favorecem o aprendizado da preservação do bem coletivo. A organização do espaço reflete a concepção metodológica adotada pelo professor e pela escola.

Diante da citação acima, podemos afirmar que a estrutura física das escolas devem ser pensada levando em consideração as necessidades dos educandos.

Por último foi indagado a João, entre as disciplinas que ele estuda na escola, qual a que ele mais gosta e por que. Ele respondeu imediatamente que é a de matemática e ressalta que é a “disciplina que eu tenho mais facilidade para aprender”. Podemos perceber na resposta de João que ele não é totalmente “desinteressado” pelos estudos como afirmam a mãe e a professora de português do aluno. Se João aprende matemática com facilidade, isso significa que, se houver algum tipo de incentivo por parte dos outros professores das outras disciplinas, ele poderá vir a sentir vontade de aprender as outras disciplinas que ele diz sentir dificuldades. De acordo com os parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997, P. 64) “A aprendizagem significativa depende de uma motivação intrínseca, isto é, o aluno precisa tomar para si a necessidade e a vontade de aprender”.

3.2. Mãe de João: poucos saberes de escrita e leitura.

Inicialmente, foi indagado à mãe de João em quais ocasiões ela conversa com os professores dele. Ela respondeu que conversa com eles antes de começar as provas para saber quais os assuntos que irão cair nas provas, depois que ele faz as provas para saber as notas e quando é chamada na escolar e diz que. ”quando ele tira muitas notas baixas, sempre me chamam na escola para conversar sobre ele”. Na resposta dada pela mãe de João eu pude perceber que ela está mais preocupada com as notas dele, do que com a sua aprendizagem. Infelizmente ela representa muitas outras mães que pensam e agem desta forma em relação ao acompanhamento na aprendizagem dos filhos. Entretanto, de acordo com os autores da citação abaixo,

[...] quanto mais os pais e a escola estiverem envolvidos, se tornado verdadeiros parceiros, ainda mais ambos se sentirão dispostos a colaborar na educação escolar de seus filhos, pois quando os pais são mais participativos, há uma maior competência para o desenvolvimento de diversas habilidades por parte dos alunos (CHECHIA; ANDRADE, 2005 apud DIAS *at all*, 2015, p. 8).

Em seguida, foi perguntado se ela tem um contato direto com os professores dele e como é feito esse contato. Ela respondeu que sim, que tem um contato direto com os professores, principalmente com os professores de Português, Matemática, História, Ciências e Geografia, apesar de na pergunta anterior ela dizer que só vai à escola quando é para saber os conteúdos que vai cair nas provas e depois para saber as notas, ela diz que o “contato com os professores é direto, não é por telefone, é olho no olho”. O diálogo constante dos pais com os professores é extremamente importante, porque o aluno se sente mais seguro e ao mesmo tempo, ele sabe que seus pais se interessam em saber tudo o que acontece na escola em relação à sua aprendizagem e o seu comportamento. Isso pode fazer com ele se interesse mais pelos estudos. Nesse sentido, “[...] é indispensável que a família esteja em harmonia com a instituição, uma vez que a relação harmoniosa só pode enriquecer e facilitar o desempenho educacional das crianças” (SOUZA, 2009, p.15).

Outra pergunta formulada à mãe de João foi por que ela colocou o seu filho no reforço extraescolar. Ela respondeu que colocou porque ele sentia muita dificuldade para aprender, ressaltando que “não aprendeu a ler no primeiro ano e repetiu novamente o primeiro ano, então coloquei no reforço escolar para que ele pudesse se desenvolver”. Mas destaca que ele ainda sente muitas dificuldades, apesar de ter melhorado a sua aprendizagem nos últimos dois

anos. Analisando a resposta da mãe de João posso dizer que ela tem razão quando diz que ele melhorou nos últimos 2 anos, mas que ainda sente muitas dificuldades.

Eu acompanho João desde o 2º ano, como professora de reforço, sendo que ele chegou ao reforço atrasado em relação ao que se espera da criança neste ano de ensino, ainda não sabia ler nem escrever, apesar de que a criança pode se alfabetizar até o 3º ano.

Eu comecei a trabalhar escrita e leitura com ele utilizando o método tradicional, mas eu não percebia avanços na aprendizagem dele. Então, em agosto de 2017 comecei a trabalhar com textos e isso vem melhorando a sua escrita. Estou fazendo um trabalho diferenciado com ele, sendo que a cada dia peço-lhe que escreva um texto pequeno sobre coisas vivenciadas por ele e que gostaria de contar escrevendo, depois, faço as correções dos erros junto com ele.

Antes ele não conseguia ler direito, sua leitura era atrapalhada, não respeitava ponto e vírgula, portanto, não conseguia interpretar. Agora ele já consegue ler, mesmo que devagar, mas ainda precisa melhorar na escrita. Está sendo um processo lento, mas sinto que ele está melhorando a cada dia. Vale destacar que o professor alfabetizador segundo Soares (2016, p. 335), “não propriamente ensina, mas guia a criança em seu desenvolvimento: processos internos que a levam à formulação de hipóteses e à formação de conceitos sobre um objeto de conhecimento com o qual se defronta- a língua escrita”. É isso que estou fazendo com João, mediando e criando situações diversas para que ele consiga formular e criar hipóteses diante das situações a ele apresentadas.

Por último foi indagado à mãe de João como ela acompanha a vida escolar dele e se ele gosta de ir a escola. Em relação ao acompanhamento, ela diz que o coloca para estudar em casa, sempre vai à escola conversar com os professores a respeito das notas dele e ressalta: “ainda coloco no reforço escolar para ajudar na aprendizagem dele”. Quando foi perguntado se João gosta de ir a escola, ela responde que ele gosta de ir a escola, tanto que “a escola abre as 13:30h, mas as 13:00h ele já está em frente a escola, esperando o portão abrir para ele entrar”, ela acrescenta entre risos que “ele gosta de ir para a escola, o problema é que ele não gosta de estudar”.

Os resultados dessas questões me chamam bastante atenção, tanto pelo fato da principal preocupação da mãe ser com as notas do filho, como foi dito anteriormente, quanto pelo fato de João não ter noção da importância que os estudos têm na sua vida, pois ele já tem 11 anos. Nesse sentido há uma necessidade urgente, principalmente da família e da escola de ajudarem João a entender de forma mais aprofundada como os trabalhos escolares devem fazer parte da sua vida e do seu desenvolvimento. Para explicar a importância da motivação na aprendizagem dos alunos (MORAES e VARELA, 2007, p. 10) descrevem que:

Ao compreender aspectos da motivação neste período da vida, facilita ao adulto o entendimento sobre que tipo de ajuda poderá oferecer à criança, desde que haja um compromisso nesta relação. A sua presença é fundamental. A criança se sente motivada a executar muitas tarefas em virtude do reconhecimento e impressões daqueles com quem convive, na tentativa de demonstrar a sua evolução e as conquistas que realiza. Os bons motivos serão sempre a chave para o desenvolvimento natural da criança, além de gerar harmonia entre os elementos internos e externos, parte de nossa própria natureza humana.

2.3. Professora: demonstra pouco interesse por João.

Inicialmente foi perguntado à professora de João como é o comportamento dele em sala de aula e, se ele presta atenção nas explicações. Ela respondeu que ele é “muito desatento, não faz todas as atividades propostas em sala de aula, conversa muito, não presta atenção na aula e não costuma aceitar ajuda”.

Na resposta da professora de João, percebe-se que, apesar dela dizer ter 25 anos de docência, a mesma parece não conhecer muito sobre o seu papel. O professor que realmente gosta da sua profissão, procura ler e pesquisar bastante para saber o que realmente está funcionando de fato na sua metodologia de ensino e o que pode ser melhorado. Se o aluno não consegue prestar atenção na aula cabe ao professor estimulá-lo de alguma forma para que ele sintasse motivado. Ensinar é reforçar a decisão de aprender, é também estimular o desejo de saber (PERRENOUD, 2000).

Em seguida, foi perguntado à professora se o aluno presta atenção nas explicações em sala de aula e se ele participa das atividades propostas na sala de aula. Ela respondeu que ele “conversa muito e praticamente não presta atenção nas explicações do professor”.

As respostas da professora praticamente são iguais, ela sempre destaca a indisciplina e falta de atenção por parte do aluno. Em nenhum momento mencionou que faz alguma coisa para ajudá-lo. No entanto um bom profissional não desiste de um aluno, ele procura sempre de alguma forma ajudá-lo. Como descreve o documento Orientador – PNAIC em Ação (2016)

O Professor Alfabetizador deverá planejar e executar ações pedagógicas visando ao acompanhamento do progresso da aprendizagem de cada aluno em sua turma. Precisar ainda, compreender a importância de sua intervenção e da organização do tempo pedagógico para criar atitudes e rotinas de valorização da Leitura, da Escrita e da Matemática, em todos os componentes do currículo (P. 11).

Também foi indagado à professora de João, quais eram as dificuldades dele. Ela respondeu que é “principalmente, interpretação de textos”. Ela se equivocou quando diz que a principal dificuldade de João é interpretação de textos, pois ele ainda sente dificuldade nas etapas básicas no processo de leitura e escrita, logo ele não conseguirá interpretar. No reforço escolar, sei que a maior dificuldade dele é a escrita, porque ele ainda escreve muitas palavras ortograficamente erradas, mas a sua leitura está melhorando a cada dia. Nesse sentido, (LEITE e COLELLO, 2010, p. 66) afirmam que:

Sem um sistema de avaliação que produza dados de maneira contínua sobre o desempenho dos alunos, dificilmente o docente terá condições de assumir medidas que garantam o sucesso esperado no processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Por último, foi perguntado a professora, se João recebe algum tipo de assistência diferenciada para atender as suas dificuldades de aprendizagem e, o que é feito para superar estas dificuldades.

Para essa pergunta, ela responde que: “ele não aceita ajuda” e ressalta que o ajuda do jeito que pode “lendo as atividades em voz alta para que ele possa interpretar”. De acordo com Lukesi (2011), o ato de avaliar é construtivo e não se vincula somente ao momento atual, pois segundo ele, no momento da avaliação se deve levar em consideração as variáveis presentes na situação que está sendo avaliada. Desse modo, a professora não está se empenhado em ajudar o aluno e não está avaliando-o de forma adequada às necessidades do aluno. Não é possível que a professora não consiga perceber nenhum tipo de progresso no aluno. Provavelmente ela não percebe porque não está contribuindo para este progresso.

CONSIDERAÇÕES

O objetivo geral deste estudo surgiu a partir de situações vivenciadas no meu ofício profissional como professora de reforço escolar com alguns alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, especialmente com o aluno citado neste estudo de caso (João). Neste estudo buscou-se identificar, a partir de um estudo de caso, os fatores que resultam na necessidade de acompanhamento extra-escolar para uma criança matriculada nos anos iniciais do ensino fundamental com dificuldades na aprendizagem, principalmente no campo da leitura e escrita. Os objetivos específicos deste trabalho consistiram em mapear como a criança investigada percebe a sua escola; identificar a visão da sua professora de Língua Portuguesa sobre esta criança; e caracterizar o papel dos pais no acompanhamento da aprendizagem de seu filho. Diante das análises feitas com o depoimento dos sujeitos desta pesquisa, constatou-se que, os pais, seja porque não encontram tempo, mediante seus afazeres do dia a dia, seja porque não se sentem capazes de ensinar as tarefas aos filhos, acabam dando pouca atenção à criança e desconsideram que tanto João, como as crianças em geral, precisam muito mais que acompanhamento nas tarefas escolares, mas principalmente, do carinho e do afeto de pai e mãe. Não adianta só pedir para a criança estudar e acompanhar as suas notas, mas participar deste momento de aprendizagem junto com ela, seja ensinando, seja simplesmente incentivando e valorizando a escola e suas atividades.

Constatou-se, ainda, que quanto à professora de João, parece que ela não o tem ajudado de acordo com suas necessidades. Na entrevista, ela demonstrou pouco interesse por ele e perspectivas negativas em relação ao seu processo de aprendizado. Portanto conclui-se que, se os professores não trabalharem as dificuldades dos seus alunos de forma individualizada, então não tem como ajudá-los, e as dúvidas permanecerão com o aluno, se estendendo para os anos seguintes de escolaridade e conseqüentemente prejudicando a sua aprendizagem. É exatamente este problema que está acontecendo com a aprendizagem de João, mas como sua professora de reforço tenho percebido nas últimas semanas alguns progressos na aprendizagem dele e no seu comportamento, principalmente porque tenho me aproximado cada vez mais dele, tentando ajudá-lo, lhe dando o máximo de atenção, porque percebi que ele é muito carente de atenção por parte dos seus pais e dos professores, especialmente a sua professora de Língua Portuguesa. Sabemos que as crianças não se desenvolvem da mesma maneira, algumas demoram um pouco mais para desenvolver a sua aprendizagem, por isso se faz necessário que o professor esteja capacitado para trabalhar com essas crianças, para que elas também se sintam capazes de aprender. Se um professor não se

compromete de fato em ajudar os seus alunos, por que escolhe essa profissão? Por que terminam uma graduação e não procuram se capacitar cada vez mais para poder conseguir ajudar os seus alunos? Sabemos, entretanto, que o sucesso da aprendizagem não depende exclusivamente do professor, mas que este tem papel fundamental neste êxito.

Esse estudo foi muito importante para a minha formação profissional, foi muito enriquecedor, quanto mais eu pesquisava, quanto mais eu observava, mais eu aprendia e me envolvia, procurando aprender cada vez mais.

REFERÊNCIAS

BULGRAEN, V. Cristina. O PAPEL DO PROFESSOR E SUA MEDIAÇÃO NOS PROCESSOS DE ELABORAÇÃO DO CONHECIMENTO- **Revista Conteúdo**, Capivari, v.1, n.4, ago./dez. 2010 – ISSN 1807-9539. Disponível em: <<http://www.conteudo.org.br/index.php/conteudo/article/viewFile/46/39>>. Acesso em: 31 out. 2017.

CAMARGO. P. da S. A. S. **Desenvolvimento Infantil e Processos de Aprendizagem e Ensino: alguns olhares e contribuições**. Disponível em: <[file:///C:/Users/Salete%20Vilar/Downloads/1355920212artigo_pedagogas%20\(12\).pdf](file:///C:/Users/Salete%20Vilar/Downloads/1355920212artigo_pedagogas%20(12).pdf)>. Acesso em: 06 dez. 2017.

SOUSA, J. P. de. **A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA**. Universidade Estadual Vale do Acaraú-Fortaleza – 2012. Disponível em: <https://www.apeoc.org.br/extra/artigos_cientificos/A_IMPORTANCIA_DA_FAMILIA_NO_PROCESSO_DE_DESENVOLVIMENTO_DA_APRENDIZAGEM_DA_CRIANCA.pdf>. Acesso em: 02 out. 2017.

LUKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem componente do ato pedagógico**. Editora CORTEZ, São Paulo, 2011.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 1ª a 4ª série**. Introdução. Brasília: SEF/MEC, 1997. V1. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em 04 out. 2017.

LEITE, Sergio Antônio da Silva; COLELLO, Silvia M. Gasparian. **Alfabetização e letramento: Pontos e contrapontos**. 2ª edição, summus editorial, São Paulo, 2010.

MOREIRA, M. E. Rodrigues; ROCHA, E.A. G. M. da. **Alfabetizar letrando: novos desafios no ensino da língua escrita**- 2013. Disponível em: <http://www.iptan.edu.br/publicacoes/saberes_interdisciplinares/pdf/revista12/ALFABETIZAR_LETRANDO.pdf>. Acesso em: 6 out. 2017.

GERHARDT, T. E. ; SILVEIRA, D. T. Organizadoras. **Métodos de Pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS. 1ª edição: 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 3 out. 2017.

PNAIC em Ação 2016. **Documento orientador das ações de formação continuada de professores alfabetizadores em 2016**- Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/doc_orientador/documento_orientador_2016.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2017.

FREIRE, Paulo. **A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER: em três artigos que se completam**. 8ª edição, editora Cortez. São Paulo, 1981.

MORAIS, G. A.S. & BRITO A. E. **PRÁTICA PEDAGÓGICA ALFABETIZADORA: QUESTÕES DE LETRAMENTO-** Anais do V encontro de Educação da UFPI, 2009.

SOARES, Magda. **Alfabetização: A questão dos métodos-** Editora Contexto, São Paulo, 2016.

SOUTO, Debora Luppi at all. **A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ALGUMAS REFLEXÕES.** EDUCERE, 2015. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19394_7935.pdf>. Acesso em: nov. 2017.

DIAS, S.G.; at all. **A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS NO CONTEXTO ESCOLAR-** II CONEDU- Congresso Nacional de Educação de Campina Grande, PB, 2015. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_SA6_ID1840_24072015180937.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2017.

SOUZA, M. E. do P. **FAMÍLIA/ESCOLA: A IMPORTÂNCIA DESSA RELAÇÃO NO DESEMPENHO ESCOLAR-** PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL PDE, 2009. Disponível em: <<http://acaosocioeducativa.com.br/wp-content/uploads/2017/09/artigo-escola-familia-importancia.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

MORAES, Carolina Roberta; VARELA, Simone. **MOTIVAÇÃO DO ALUNO DURANTE O PROCESSO DE ENSINOAPRENDIZAGEM.** *Revista Eletrônica de Educação*. Ano I, No. 01, ago. / dez. 2007. Disponível em: <http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/educacao/Artigo_06.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A- ENTREVISTAS E QUESTIONÁRIO

Roteiro da entrevista com o aluno

- 1- Você gosta da escola onde você estuda?
- 2- O que mais você gosta na sua escola?
- 3- Você pede explicação ao professor quando tem dúvida?
- 4- Qual o lugar que você mais gosta na sua escola? Por quê?
- 5- De todas as disciplinas que você estuda, qual a que você mais gosta?

Roteiro da entrevista com a mãe do aluno

- 1- Em que ocasiões você conversa com os professores do seu filho?
- 2- Você tem um contato direto com os professores do seu filho? Como é feito esse contato?
- 3- Por que você colocou o seu filho no reforço extraescolar?
- 4- Como você acompanha a vida escolar do seu filho?
- 5- O seu filho gosta de ir à escola?

Roteiro do questionário aplicado à professora de Língua Portuguesa do aluno

- 1- Como é o comportamento do aluno em sala de aula?
- 2- O aluno presta atenção nas suas explicações?
- 3- O aluno participa das atividades propostas em sala de aula?
- 4- Quais são as dificuldades do aluno?
- 5- O aluno recebe algum tipo de assistência diferenciada para atender as suas dificuldades de aprendizagem? O que é feito para superar estas dificuldades?

